

Fundação Estadual de Inovação em Saúde

INOVA CAPIXABA-ES

Auxiliar de Farmácia – Hospitalar

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA.....	7
■ COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO.....	7
■ ORTOGRAFIA (NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA) E ACENTUAÇÃO GRÁFICA	10
DIVISÃO SILÁBICA	11
■ SINAIS DE PONTUAÇÃO.....	12
■ SEMÂNTICA.....	15
SINÔNIMOS.....	15
ANTÔNIMOS	15
HOMÔNIMOS	16
PARÔNIMOS.....	16
DENOTAÇÃO.....	17
CONOTAÇÃO	17
■ MORFOLOGIA E CLASSES DE PALAVRAS	17
ARTIGO	17
NUMERAL	17
SUBSTANTIVOS.....	18
ADJETIVO.....	19
ADVÉRBIO	22
PRONOMES	23
VERBO	26
Tempos do Verbo.....	27
PREPOSIÇÃO	31
CONJUNÇÃO.....	32
INTERJEIÇÃO.....	33
■ SINTAXE.....	34
FRASE E ORAÇÃO	34
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL.....	34

RACIOCÍNIO LÓGICO-MATEMÁTICO	45
■ NÚMEROS RACIONAIS, NAS SUAS REPRESENTAÇÕES FRACIONÁRIA OU DECIMAL	45
SOLUÇÃO DE SITUAÇÕES-PROBLEMA ENVOLVENDO ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO.....	45
POTENCIAÇÃO OU RADICIAÇÃO.....	47
■ REGRA DE TRÊS SIMPLES.....	47
■ SISTEMAS DE MEDIDA: TEMPO, COMPRIMENTO E QUANTIDADE	49
■ TEORIA DOS NÚMEROS.....	51
DIVISIBILIDADE.....	51
NÚMEROS PRIMOS.....	52
MÍNIMO MÚLTIPLO COMUM.....	52
MÁXIMO DIVISOR COMUM.....	54
NÚMEROS PARES E ÍMPARES	55
FATORAÇÃO NUMÉRICA	55
■ PORCENTAGEM.....	55
CONHECIMENTOS GERAIS E ATUALIDADES	61
■ FATOS E NOTÍCIAS LOCAIS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS ACERCA DE ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS, CULTURAIS E SOCIOAMBIENTAIS LIGADOS À ATUALIDADE E DIVULGADOS PELOS PRINCIPAIS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS OU DIGITAIS, COMO JORNAIS, RÁDIOS, INTERNET E TELEVISÃO.....	61
■ NOÇÕES SOBRE PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO E CONTROLE.....	145
■ TRABALHO EM EQUIPE	146
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS.....	153
■ NOÇÕES DE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DE FARMÁCIA	153
CONTROLE DE ESTOQUES DE MEDICAMENTOS E DE PRODUTOS PARA SAÚDE	155
RECEBIMENTO, ARMAZENAMENTO E CONSERVAÇÃO DE MEDICAMENTOS E PRODUTOS PARA SAÚDE.....	156
SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO DE MEDICAMENTOS	156
■ NORMAS DE BOAS PRÁTICAS DE DISPENSAÇÃO DE MEDICAMENTOS.....	157
■ NOÇÕES DE HIGIENE E SEGURANÇA NO TRABALHO	158
■ NOÇÕES DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS DE SERVIÇOS DE SAÚDE	160

CONHECIMENTOS GERAIS E ATUALIDADES

FATOS E NOTÍCIAS LOCAIS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS ACERCA DE ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS, CULTURAIS E SOCIOAMBIENTAIS LIGADOS À ATUALIDADE E DIVULGADOS PELOS PRINCIPAIS MEIOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSOS OU DIGITAIS, COMO JORNAIS, RÁDIOS, INTERNET E TELEVISÃO

ABRIL DE 2025

Mundo

- **Reeleição de Daniel Noboa aprofunda tensões políticas no Equador em cenário de instabilidade e denúncias contestadas¹**

Daniel Noboa garantiu sua permanência na presidência do Equador ao vencer o segundo turno das eleições com 55,63% dos votos válidos, superando a candidata da oposição, Luisa González, que obteve 44,37%.

A votação ocorreu em um contexto nacional de grave crise de segurança, escalada da violência ligada ao narcotráfico e desconfiança generalizada nas instituições democráticas.

Logo após o anúncio oficial do resultado, González e o movimento Revolução Cidadã, liderado pelo ex-presidente Rafael Correa, questionaram a lisura do pleito, apontando supostas inconsistências nas atas eleitorais e divergências entre os números oficiais e as pesquisas de boca de urna. Ainda assim, missões de observação da União Europeia e da Organização dos Estados Americanos (OEA) afirmaram que o processo foi transparente, seguro e livre de fraudes sistemáticas.

O Tribunal Contencioso Eleitoral (TCE) rejeitou os pedidos de anulação, encerrando as vias jurídicas para reverter o resultado, o que consolidou o novo mandato de Noboa, agora com quatro anos completos pela frente. Em seu discurso de vitória, o presidente prometeu endurecer o combate às organizações criminosas, além de aprovar reformas econômicas voltadas à atração de investimentos e ao controle fiscal.

Apesar da reeleição, a polarização política no país se intensificou. O embate entre os apoiadores do atual presidente e os correístas — como são conhecidos os seguidores de Rafael Correa — tem alimentado divisões sociais profundas e dificultado a construção de consensos no Legislativo.

A governabilidade de Noboa dependerá da capacidade de articulação política diante de um Congresso fragmentado e de uma população cada vez mais desconfiada do sistema político.

- **Análise geopolítica: crise institucional e redes criminais transnacionais como ameaça à democracia andina**

A vitória de Daniel Noboa se insere em um cenário regional marcado por retrocessos democráticos, ascensão de líderes polarizadores e crescimento das economias ilícitas. O Equador, historicamente posicionado entre as duas maiores potências de produção de cocaína do mundo — Colômbia e Peru —, passou de país de trânsito a epicentro do narcotráfico na costa pacífica sul-americana, com portos como o de Guayaquil sendo disputados por cartéis internacionais.

Essa “mexicanização” do crime organizado equatoriano desafia não só o governo local, mas também a segurança regional e hemisférica, afetando diretamente os fluxos migratórios, a estabilidade econômica e a confiança nas democracias latino-americanas. Organizações como o DEA (dos EUA) e a Europol vêm acompanhando de perto a atuação de grupos armados como “Los Choneros” e “Los Lobos”, cuja influência ultrapassa fronteiras nacionais.

Em termos políticos, o processo eleitoral equatoriano revela uma tendência crescente de judicialização da política e questionamento da legitimidade institucional, fenômeno que já se observou em outros países da região, como Peru, Bolívia e Guatemala.

A tentativa de desacreditar os resultados eleitorais, ainda que infundada, fragiliza as estruturas democráticas e pode abrir margem para tensões institucionais mais graves no futuro.

Sob essa ótica, a permanência de Noboa no poder pode representar uma tentativa de estabilização, mas está longe de ser garantia de governabilidade. O presidente precisará equilibrar o enfrentamento ao crime com o respeito às garantias democráticas, negociar com forças políticas diversas e assegurar apoio internacional para frear o avanço das redes criminosas e preservar a ordem constitucional.

- **Nova ofensiva tarifária dos EUA redefine as bases do comércio internacional e acirra tensões globais²**

A mais recente política tarifária implementada pelo ex-presidente norte-americano Donald Trump provocou o que muitos analistas consideram a maior ruptura no sistema comercial global desde o período entre guerras no século XX.

O plano incluiu uma tarifa mínima de 10% sobre todas as importações e alíquotas específicas que variam entre 11% e 50% para produtos provenientes

1 BARROS, P. Noboa é reeleito no Equador com promessa de endurecer combate ao crime. **InfoMoney**, 2025. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/noboa-e-reeleito-no-equador-com-promessa-de-endurecer-combate-ao-crime/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

2 OLIVEIRA, M. Entenda a guerra comercial que afeta a economia mundial. **CNN Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/entenda-a-guerra-comercial-que-afeta-a-economia-mundial/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

de 57 países. O foco principal da medida foi a **China**, que teve tarifas impostas de até 145%, resultando em uma retaliação imediata com tarifas chinesas de até 125% sobre produtos americanos.

Essas ações geraram um forte impacto nas estruturas comerciais e industriais dos EUA e do mundo. Multacionais e pequenas empresas revisaram suas projeções de lucros, sinalizaram potenciais demissões e começaram a reposicionar suas cadeias de suprimentos. No mercado interno, os consumidores norte-americanos enfrentaram aumentos significativos de preços, especialmente em produtos eletrônicos, brinquedos, eletrodomésticos e roupas, devido ao repasse dos custos de importação.

A resposta internacional foi de forte apreensão. A União Europeia cogitou contramedidas comerciais, enquanto México e Canadá optaram por renegociar termos para evitar uma escalada prolongada. Organismos multilaterais como o FMI e a OMC alertaram para risco de desaceleração do crescimento global, diante da erosão da confiança mútua entre grandes economias e da possível fragmentação das cadeias de suprimentos internacionais.

■ **Panorama geopolítico: protecionismo, rivalidade sino-americana e o enfraquecimento da ordem multilateral**

As tarifas impostas por Trump marcam um retorno do protecionismo como ferramenta estratégica na disputa pela hegemonia global, especialmente no contexto da guerra comercial entre Estados Unidos e China, que passou a ser um dos principais eixos de tensão geoeconômica do século XXI. Essa estratégia rompe com a tradição americana pós-Segunda Guerra Mundial, baseada na liderança do comércio multilateral sob as regras da OMC, e inaugura um modelo de bilateralismo agressivo.

O alvo central das tarifas — a China — não é coincidência. A ascensão chinesa como potência industrial, tecnológica e militar tem sido vista por Washington como ameaça direta à supremacia norte-americana, particularmente após o lançamento do programa “Made in China 2025”, que objetiva tornar o país líder em setores estratégicos como inteligência artificial, semicondutores e biotecnologia.

Nesse cenário, as tarifas não são apenas uma medida econômica, mas um instrumento geopolítico de contenção, que visa reconfigurar o fluxo de capitais, investimentos e produção industrial mundial, transferindo-o para países aliados ou mais neutros.

No entanto, esse movimento também fragiliza alianças históricas dos EUA ao gerar desconfiança em parceiros comerciais tradicionais e enfraquecer o sistema multilateral de solução de controvérsias.

Além disso, o isolamento tarifário pode reduzir a influência econômica dos EUA em regiões-chave, como Sudeste Asiático, América Latina e África, abrindo espaço para a atuação geoestratégica da China por meio de iniciativas como a Nova Rota da Seda.

■ **Reflexões finais: rumo a uma nova ordem comercial multipolar?**

A política tarifária de Donald Trump representa mais do que uma guinada econômica — ela é a expressão de uma nova lógica de poder no sistema internacional.

Em vez da cooperação e interdependência que marcaram o pós-Guerra Fria, emerge uma ordem baseada em competição entre blocos econômicos, regionalização de cadeias de valor e disputas tecnológicas. Resta saber se os Estados Unidos conseguirão sustentar sua posição global com uma estratégia de confronto tarifário e redução da integração econômica, ou se a aposta protecionista resultará em perda de competitividade e influência no longo prazo.

● **Escalada tarifária entre EUA e China abala mercados globais e aprofunda tensões sistêmicas³**

A intensificação da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China atingiu um novo patamar com o detalhamento das tarifas impostas por Washington sobre produtos chineses, totalizando impressionantes 145% — resultado da combinação de uma tarifa-base de 20% com um acréscimo extraordinário de 125%.

Em retaliação direta, Pequim ampliou suas próprias tarifas sobre produtos americanos de 84% para 125%, sinalizando a disposição de travar um confronto prolongado no campo comercial.

Os mercados financeiros globais reagiram de forma aguda a essa escalada. Em apenas dois dias, entre 3 e 4 de abril, o índice Nasdaq despencou 1.600 pontos, enquanto o Dow Jones registrou uma queda histórica superior a 4.000 pontos, marcando uma das maiores retrações em curto prazo da história do mercado norte-americano.

A volatilidade se intensificou a ponto de levar o governo dos EUA a suspender por **90 dias** a aplicação de tarifas adicionais a países aliados — com exceção da China, em uma tentativa de estabilizar parcialmente o sistema financeiro internacional.

No entanto, a trégua parcial não foi suficiente para dissipar as incertezas. As tarifas chinesas de 125% entraram em vigor no dia 12 de abril, atingindo duramente exportações estratégicas norte-americanas, como produtos agrícolas, automóveis e componentes tecnológicos. Como resultado, as cadeias globais de suprimentos sofreram novos abalos, afetando desde a produção industrial até a logística e o comércio varejista internacional.

■ **Impactos econômicos e sociais nas duas maiores potências**

Na China, os efeitos das sanções comerciais se manifestaram por meio da contração na atividade industrial e no surgimento de protestos de trabalhadores afetados pelas demissões em massa e pela queda na produção.

Esse cenário levanta preocupações quanto à estabilidade social interna do país, principalmente nas regiões costeiras altamente industrializadas e dependentes do comércio exterior.

3 ESCALADA de tarifas entre EUA e China afeta mercados globais. **R7**, 2025. Disponível em: <https://record.r7.com/fala-brasil/escalada-de-tarifas-entre-eua-e-china-afeta-mercados-globais-11042025/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

Nos Estados Unidos, as empresas enfrentam custos crescentes de importação, pressionando a cadeia de preços ao consumidor e gerando sinais de aceleração inflacionária, o que pode comprometer os esforços do Federal Reserve em manter a estabilidade macroeconômica.

Além disso, setores como o de tecnologia, manufatura e agroexportação estão entre os mais afetados, pressionando o governo por medidas compensatórias e subsídios emergenciais.

■ Contexto geopolítico: rivalidade estratégica e fragmentação da ordem global

A disputa comercial entre Washington e Pequim transcende os números tarifários: trata-se de uma disputa hegemônica por liderança global em áreas estratégicas como inteligência artificial, semicondutores, telecomunicações e energia verde.

Essa guerra comercial, que começou sob a justificativa de correção de desequilíbrios na balança comercial, tornou-se um instrumento geopolítico explícito de contenção da influência chinesa e de reconfiguração das relações econômicas internacionais.

Ao confrontar a China com medidas comerciais agressivas, os Estados Unidos buscam reafirmar sua primazia econômica global e preservar sua autonomia tecnológica e industrial, especialmente diante do avanço chinês em setores-chave. Contudo, o custo dessa estratégia é alto: erosão da confiança entre parceiros comerciais, perda de previsibilidade jurídica no comércio internacional e debilitação das instituições multilaterais como a OMC.

Além disso, a fragmentação das cadeias produtivas globais e o reposicionamento de centros industriais para países alternativos, como Vietnã, Índia e México, indicam uma possível regionalização da economia mundial, em substituição ao modelo de globalização integrada dominante desde os anos 1990.

■ Considerações finais: entre a multipolaridade econômica e o risco de desglobalização

A guerra tarifária entre EUA e China representa um marco na transição da ordem econômica internacional para um sistema mais multipolar, competitivo e instável. As consequências não se restringem às duas potências, mas repercutem globalmente, afetando investidores, consumidores, trabalhadores e governos em todo o planeta.

A depender da continuidade dessas políticas, o mundo poderá entrar em uma nova era de protecionismo, nacionalismo econômico e disputas tecnológicas — um cenário que coloca à prova a capacidade de adaptação das instituições internacionais e a resiliência das economias emergentes, especialmente aquelas inseridas nas cadeias globais de valor.

● Isenção da Rússia em nova ofensiva tarifária dos EUA gera debate sobre cálculo geopolítico⁴

A decisão dos Estados Unidos de isentar a Rússia da mais recente rodada de tarifas comerciais — considerada uma das maiores intervenções protecionistas

do século — gerou intenso debate sobre as motivações estratégicas por trás da medida.

Enquanto países de menor expressão no comércio bilateral, como Síria e Venezuela, foram incluídos na lista de alvos, a ausência de Moscou suscitou questionamentos sobre critérios e prioridades do governo norte-americano.

A justificativa oficial da Casa Branca é que as sanções econômicas já vigentes contra a Rússia teriam reduzido significativamente o fluxo comercial entre os dois países, tornando supérflua a imposição de novas tarifas.

No entanto, analistas geopolíticos contestam essa explicação, apontando para o interesse dos EUA em manter abertos canais diplomáticos com Moscou, sobretudo no contexto das negociações internacionais em torno do conflito na Ucrânia.

■ Cálculo diplomático e a contenção do eixo Rússia-China

Evitar o agravamento das tensões com a Rússia pode ser interpretado como uma tentativa dos EUA de impedir uma aproximação ainda mais profunda entre Moscou e Pequim, que, diante da guerra comercial sino-americana, já vêm estreitando laços econômicos e militares.

Para Washington, manter a Rússia em uma posição de relativa ambiguidade estratégica pode ser mais vantajoso do que empurrá-la definitivamente para a esfera de influência chinesa.

Essa lógica se alinha com uma visão geopolítica realista, na qual decisões econômicas são instrumentalizadas em função de interesses diplomáticos e militares mais amplos. Ao poupar a Rússia, o governo Biden (ou Trump, dependendo do contexto temporal da medida) sinaliza que o comércio pode ser utilizado como ferramenta de barganha, mesmo entre adversários estratégicos.

■ Repercussões internas e pressão de aliados

A exclusão da Rússia, entretanto, não passou despercebida no Congresso dos Estados Unidos, onde legisladores de ambos os partidos expressaram preocupação com o aparente duplo padrão da política tarifária. Críticos argumentam que, ao ser brando com a Rússia enquanto impõe sanções severas a aliados e parceiros menores, os EUA correm o risco de enviar sinais contraditórios à comunidade internacional.

Aliados europeus, especialmente Polônia, Alemanha e os países bálticos, também demonstraram desconforto com a decisão. A União Europeia, que tem adotado uma postura dura contra Moscou desde 2022, viu a isenção como uma possível brecha na frente ocidental de contenção ao expansionismo russo.

■ Considerações geopolíticas e os limites do protecionismo seletivo

A isenção da Rússia ilustra os dilemas contemporâneos da geopolítica comercial, em que tarifas e sanções deixaram de ser apenas mecanismos econômicos e passaram a operar como instrumentos táticos de poder.

4 CHADE, J. Putin sem taxa de Trump gera debate sobre comércio como moeda geopolítica. *Uol*, 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2025/04/03/trump-putin-sem-taxa-gera-debate-de-uso-do-comercio-como-moeda-geopolitica.htm>. Acesso em: 4 jun. 2025.

A decisão norte-americana revela uma visão pragmática e flexível de sua estratégia externa, na qual a coerência ideológica é, por vezes, sacrificada em nome de conveniências geoestratégicas momentâneas.

Além disso, esse episódio evidencia a crescente complexidade da ordem internacional multipolar, em que alianças são mais fluídas e as esferas de influência se sobrepõem de forma instável. A Rússia, mesmo sob sanções severas, continua desempenhando papel-chave no equilíbrio de poder global — seja como fornecedor de energia, ator diplomático na Eurásia ou parceiro militar de regimes autoritários.

- **Trump anuncia isenção de tarifas para dispositivos eletrônicos, buscando mitigar impactos econômicos e fortalecer a produção nacional⁵**

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou recentemente a isenção de tarifas sobre smartphones, computadores e outros dispositivos eletrônicos, que anteriormente estavam sujeitos a tarifas de até 145% sobre produtos chineses, além de uma tarifa global de 10% aplicada à maioria dos países.

A decisão, comunicada pela Agência de Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA, exclui uma série de produtos — como laptops, semicondutores, células solares, cartões de memória e unidades de estado sólido (SSDs) — das taxas adicionais impostas pela administração Trump.

A medida visa aliviar os efeitos negativos das tarifas sobre os consumidores americanos, bem como beneficiar grandes empresas de tecnologia como Apple, Samsung e outras multinacionais, que têm cadeias de suprimentos amplamente dependentes da Ásia, especialmente da China.

- **Objetivo econômico: proteger consumidores e fortalecer o setor tecnológico**

O alívio proporcionado pela isenção das tarifas parece ser uma estratégia para mitigar os impactos da guerra comercial em produtos eletrônicos de consumo de massa, os quais são componentes centrais no cotidiano dos norte-americanos.

Para empresas como Apple e Samsung, que dependem da produção e importação de componentes tecnológicos da China, a isenção pode significar uma redução significativa nos custos operacionais, permitindo-lhes manter a competitividade no mercado interno e global.

Entretanto, a decisão não é isenta de complexidade geopolítica. O secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, indicou que, embora a isenção de tarifas atenda a uma necessidade imediata, esses produtos podem ser sujeitos a tarifas separadas no futuro, como parte de uma estratégia mais ampla de impulsionar a produção doméstica de componentes eletrônicos críticos, como semicondutores e baterias, que atualmente são em grande parte importados de países asiáticos.

- **Geopolítica e a dinâmica das cadeias de suprimentos globais**

O movimento de Trump também pode ser entendido no contexto das tensões geopolíticas entre EUA e China, em que a guerra comercial tem causado distúrbios significativos nas cadeias de suprimentos globais. A isenção temporária de produtos estratégicos pode ser interpretada como uma tentativa de desacelerar o impacto negativo das tarifas sobre setores cruciais para a economia americana, ao mesmo tempo que preserva os objetivos protecionistas de longo prazo.

Essa flexibilidade nas tarifas reflete uma aproximação pragmática, em que Washington ajusta suas políticas conforme a situação econômica interna exige, sem abrir mão de sua agenda de autossuficiência tecnológica.

O fortalecimento da produção interna de semicondutores, por exemplo, seria um passo importante para diminuir a dependência dos EUA em relação à Ásia, especialmente em um cenário de crescente rivalidade com a China no campo da tecnologia e inovação.

- **Impactos na economia global e em mercados emergentes**

Além dos efeitos no mercado interno dos EUA, a isenção das tarifas também tem repercussões mais amplas nas cadeias de suprimentos globais. Para países como Taiwan, Japão e Coreia do Sul, que fabricam componentes essenciais para dispositivos eletrônicos, a medida pode representar um alívio temporário, embora as incertezas sobre futuras tarifas continuem a pairar sobre o setor.

Por outro lado, a China, como maior fornecedora de produtos eletrônicos, observa atentamente essas mudanças, já que as tarifas em produtos específicos podem gerar distorções nos preços globais e afetar a competitividade de seus produtos no mercado americano. Para Pequim, a guerra comercial representa não apenas uma disputa econômica, mas uma batalha pelo domínio de indústrias-chave do futuro, como inteligência artificial e 5G.

- **Conflito entre Trump e Powell gera volatilidade nos mercados e perdas bilionárias⁶**

A recente troca de acusações entre o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente do Federal Reserve (Fed), Jerome Powell, resultou em uma onda de instabilidade financeira global, provocando perdas superiores a US\$ 1,4 trilhões em valor de mercado, especialmente em empresas de tecnologia e do setor financeiro.

A tensão surgiu após Trump acusar Powell, por meio de suas redes sociais e declarações públicas, de manter os juros altos deliberadamente para prejudicar sua campanha eleitoral e beneficiar os adversários democratas.

5 TRUMP exclui celulares, computadores e outros eletrônicos de 'tarifas recíprocas'. **G1**, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/04/12/trump-isenta-celulares-e-computadores-de-tarifas-reciprocas.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

6 ATAQUE de Trump a Powell derruba bolsas e reforça 'vender América'. **O Globo**, 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/financas/noticia/2025/04/21/bolsas-de-ny-fecham-em-queda-apos-trump-voltar-a-atacar-fed.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

■ Impactos econômicos: quedas acentuadas e incerteza nos mercados

As declarações de Trump geraram uma forte reação nos mercados financeiros, com bolsas de valores norte-americanas enfrentando quedas acentuadas no dia seguinte.

Empresas de tecnologia, em particular, sofreram perdas significativas, refletindo a preocupação dos investidores com a possível instabilidade política que poderia afetar a credibilidade do Fed e as expectativas sobre o comportamento das taxas de juros nos Estados Unidos. Tecnologia e finanças, setores muito dependentes de um ambiente econômico estável, viram suas avaliações despencarem.

O ataque de Trump também sugeriu que, caso retornasse à presidência, ele **interviria politicamente no Fed**, defendendo mudanças na legislação monetária para facilitar a substituição de Powell. Economistas e analistas financeiros alertaram para o risco de uma interferência política na autonomia do banco central, uma medida que poderia comprometer a credibilidade do sistema financeiro dos EUA e gerar instabilidade global.

■ Perspectiva geopolítica: o impacto da instabilidade política interna nos EUA

A disputa pública entre Trump e Powell reflete um cenário geopolítico delicado, em que a credibilidade das instituições financeiras dos EUA é colocada à prova em um momento de instabilidade política interna.

A autonomia do Federal Reserve é considerada um pilar da credibilidade econômica global, pois a instituição tem um papel central na estabilidade financeira mundial, dado o peso do dólar como moeda de reserva internacional e sua influência em mercados emergentes.

A pressão política sobre o Fed, caso Trump volte ao cargo, pode causar uma repercussão negativa nos mercados internacionais, levando a disputas comerciais e políticas com outras potências econômicas.

China, União Europeia e outros blocos comerciais poderiam ver a desestabilização da política monetária dos EUA como uma oportunidade para reforçar suas próprias estratégias econômicas, além de provocar desconfiança nas relações financeiras internacionais.

A independência do Fed sempre foi vista como um fator que assegura a confiança no sistema financeiro global, e qualquer sinal de que Trump possa minar essa autonomia pode agravar ainda mais as tensões comerciais e econômicas com outros países, particularmente com a China, que já observa atentamente as políticas monetárias dos EUA devido à competição pelo domínio econômico.

■ Reação do Fed e a resposta do mercado

Jerome Powell, por sua vez, manteve uma postura séria e institucional ao não responder diretamente aos ataques de Trump, mas reforçou, em uma audiência no Senado, o compromisso do Fed com a estabilidade monetária e com o combate à inflação, destacando que a instituição agirá com independência política.

O mercado, no entanto, continua a refletir a incerteza sobre o futuro da política monetária dos EUA e os riscos geopolíticos associados à polarização interna.

● Trump e o confronto com universidades de elite: um desafio à autonomia acadêmica e ao financiamento federal⁷

O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, intensificou sua ofensiva contra universidades de prestígio, como Harvard, Columbia e Princeton, com cortes significativos de financiamento federal e ameaças de revogar o status de **isenção fiscal** dessas instituições.

O governo justifica essas ações como uma tentativa de combater o que considera uma “ideologia woke” e o que percebe como uma tolerância excessiva ao antissemitismo nos campi universitários.

■ Cortes de financiamento e congelamento de subsídios: as medidas contra Harvard e outras universidades

O Departamento de Educação dos EUA decidiu congelar mais de US\$ 2,3 bilhões em subsídios e contratos federais destinados à Universidade de Harvard, após a instituição se recusar a adotar uma série de exigências impostas pelo governo.

Entre as demandas, estavam a eliminação de programas de diversidade, equidade e inclusão (DEI), a implementação de auditorias externas para garantir a “diversidade de pontos de vista” e uma maior cooperação com as autoridades de imigração para monitorar estudantes internacionais.

Harvard reagiu com uma ação judicial, argumentando que as exigências infringem sua autonomia institucional e os direitos garantidos pela Primeira Emenda da Constituição dos EUA, que assegura a liberdade de expressão e acadêmica. Além disso, a universidade defendeu que as medidas propostas comprometem a independência das decisões acadêmicas e da gestão institucional.

■ Universidades e protestos: impacto nas relações com o governo federal

Outras universidades, como **Columbia**, também enfrentaram cortes de financiamento após protestos estudantis a favor da **Palestina** e acusações de não combaterem adequadamente o antissemitismo.

A Universidade de Columbia, por exemplo, foi forçada a demitir cerca de 180 pesquisadores devido à perda de **US\$ 400 milhões** em subsídios federais. Esses episódios refletem uma crescente tensão entre as universidades e o governo federal sobre questões políticas e ideológicas.

■ Proposta de aumento de impostos: impacto nos fundos patrimoniais das universidades

Além dos cortes de financiamento, a administração Trump propôs um aumento significativo nos impostos sobre os fundos patrimoniais das universidades.

7 ROSA, L. Universidades sob pressão: Trump impõe novas barreiras a financiamento e políticas de inclusão. *Rfi*, 2025. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/am/C3%A9ricas/20250424-universidades-sob-press%C3%A3o-trump-imp%C3%B5e-novas-barreiras-a-financiamento-e-pol%C3%A9ticas-de-inclus%C3%A3o>. Acesso em: 4 jun. 2025.